



ÁREA TEMÁTICA: Desenvolvimento Sustentável e Ambiente

Especiessismo – Percepções sociais portuguesas e guineenses sobre os *outros*

COSTA, Susana
Mestre (Sociologia)
Universidade de Stirling (Escócia, Reino Unido)
s.c.costa@stir.ac.uk

CASANOVA, Catarina
Doutora (Antropologia Biológica)
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (Universidade Técnica de Lisboa)
ccasanova@iscsp.utl.pt

LEE, Phyllis
Professora (Psicologia)
Universidade de Stirling (Escócia, Reino Unido)
phyllis.lee@stir.ac.uk

Resumo

As percepções sociais incluem os preconceitos que, por sua vez, são aprendidos através da socialização. O racismo e a xenofobia baseiam-se em dogmas que nos indicam que podemos dominar determinados indivíduos. O mesmo se passa com os não-humanos, que no Ocidente são vistos como seres inferiores. A este modo de perceber outras formas de vida chama-se *especiessismo*. Muito se sabe sobre o especiessismo do Ocidente, mas nada se sabe sobre este preconceito noutras sociedades. Será que a proximidade física entre nós e os não-humanos influencia as atitudes especiessistas? É específico das nossas sociedades? Que variáveis estão na base deste preconceito? Esta apresentação terá por base dados de Portugal (N=120) e da Guiné-Bissau (N=257). Foram aplicados inquéritos a amostras por quotas de sexo e idade, em dois momentos: 1. Maio e Junho de 2004, em Almada; 2. Fevereiro e Março de 2007, em Tombali (Guiné-Bissau). Os dados sugerem que o especiessismo se encontra nas duas amostras. Porém, há variáveis que parecem criar matizes na distribuição do mesmo. As informações obtidas indicam que o especiessismo não é somente ocidental e que proximidade física também pode originar o preconceito.

Palavras-chave: Especiessismo; preconceito; percepções sociais; não-humanos; escala sociozoológica





1 – Introdução

As percepções sociais incluem, a par de outros factores, os preconceitos. É pelo processo de socialização que a interiorização daquilo que as nossas sociedades nos dão a conhecer acontece, tornando-nos progressivamente habilitados a viver em grupo (Rocher, 1999; Giddens, 2000). A chave da socialização é, portanto, a aprendizagem que ocorre por ligação do indivíduo aos elementos sociais do ambiente que o rodeia (McDavid e Harari, 1980), tanto nos seus relacionamentos conspécíficos, como nos seus relacionamentos interespécíficos (Arluke e Sanders, 1996; Shepard, 1997; Franklin, 1999; Nibert 2002; Costa 2004). Para além da nossa fisionomia sensorial, a forma como determinada sociedade se dá a conhecer, encorpa o modo como estruturamos as nossas percepções sociais (Davidoff, 1983). Porém, a forma precipitada como categorizamos alguns dos objectos apreendidos socialmente poderá dar origem ao preconceito (Allport, 1979).

Tudo isto se reflecte na forma como vemos os “outros”, entre os quais os animais não-humanos (Arluke e Sanders, 1996; Franklin, 1999; Nibert, 2002; Costa, 2004). As ideias que construímos sobre estes têm as suas fundações na cultura de determinada sociedade – que se rege e/ou é influenciada por parâmetros religiosos, ideológicos, políticos e/ou filosóficos socialmente operantes (Costa, 2004). O Cristianismo avizinha-se um exemplo bastante esclarecedor. Com efeito, o livro do génesis, não deixa margem para dúvidas no que toca ao favoritismo pela espécie humana (Hertzberg, 1981). É do conhecimento geral, que Deus criou o primeiro homem – Adão – ao sexto dia da existência do mundo. Logo após, entrega-lhe a Terra para que sobre ela e sobre todas as criaturas vivas que nela habitavam, dominasse. Mais tarde, ao perceber que Adão necessitaria de uma companhia – e não conseguindo encontrar nenhuma suficientemente boa entre as que já existiam – Deus criou Eva. É evidente que não podemos perder de vista o contexto no qual a Bíblia foi escrita. Ainda assim, é necessário também que se entenda que, apesar dos seus muitos séculos de existência, a influência do Cristianismo continua a fazer-se sentir. Muitos dos parâmetros que constituem a(s) cultura(s) do Ocidente operam no tecido social de forma muito imperceptível (Shneider, 1970). Logo, até mesmo aqueles que não se consideram cristãos, se vêem envolvidos nas teias antropocêntricas da referida religião.

Após o surgimento do Cristianismo, e sua posterior expansão, todo o pensamento ocidental passou a apontar para o especieísmo. S. Tomás de Aquino (1224-1274), René Descartes (1596-1650), François Quesnay (1694-1774), Adam Smith (1723-1790), Emmanuel Kant (1724-1804), Karl Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895), Adolf Hitler (1889-1945), etc. são apenas exemplos do que se acaba de referir (Costa, 2004). Todos estes pensadores – tenham estado ligados à Filosofia, à Política ou à Economia – advogaram a superioridade humana sobre as restantes formas de vida. A própria Sociologia não passou impune ao antropocentrismo ocidental. Com efeito, apenas em meados da década de 90 (séc. XX) é que os não-humanos começaram a ser tidos em consideração (Arluke e Sanders, 1996; Franklin, 1999; Swabe, 2001; Alger e Alger, 2002; Nibert, 2002; Costa, 2004). Até então, a Sociologia – tal como a generalidade as restantes Ciências Sociais – tinha como objecto de estudo apenas as interacções entre humanos (Lakatos e Marconi, 1999; Giddens, 2000).

Em virtude destas influências, as sociedades ocidentais tendem a considerar os humanos como sendo os únicos seres que realmente importam enquanto indivíduos. Também o racismo, o sexismo e a xenofobia, entre outros preconceitos, se basearam em dogmas que perpetuaram ao longo da história ideias de que determinado grupo de humanos poderia dominar, abusar e explorar outros que, por terem determinadas características físicas, psicológicas e/ou culturais, eram tidos como inferiores. Deste modo, no Ocidente, o especieísmo parece andar a par de outros preconceitos que nos têm ajudado a cristalizar falsas ideias e, sobretudo, a não tomar consciência dos nossos actos diários (Arluke e Sanders, 1996; Shepard, 1997; Franklin, 1999; Nibert, 2002; Costa, 2004). Dada a sua recente aparição na esfera da ideia de preconceito, o estudo do especieísmo tem-se desenvolvido esmagadoramente no seio das sociedades ocidentais mais industrializadas (ex: EUA, Reino Unido, etc.). De Portugal quase nada se sabe a este respeito, o mesmo se



passando com a generalidade das culturas ditas “mais primitivas”. Esta apresentação procura dar início ao colmatar desta lacuna, trazendo à discussão dados recolhidos em Portugal e na Guiné-Bissau.

2 - Objectivos e hipóteses

O nosso maior objectivo com esta apresentação será perceber se a escala sociozoológica do Ocidente (imagem 1) – modelo estabelecido por Arluke (1996) – também se aplica às realidades portuguesa e guineense.

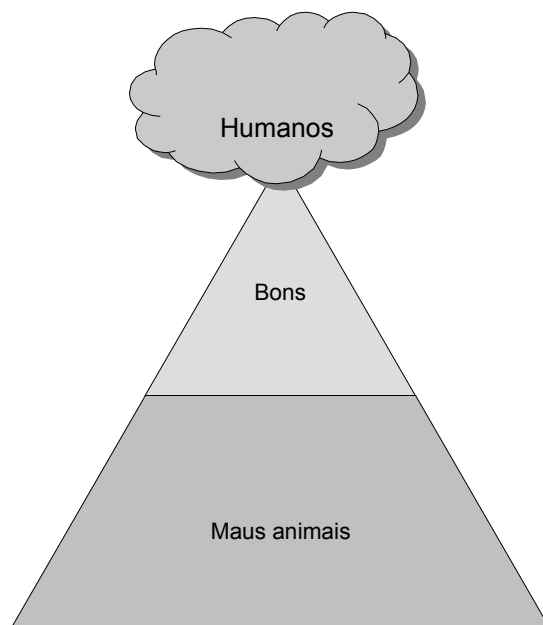


Imagem 1. Escala sociozoológica ocidental de Arluke (1996). Adaptado.

A escala sociozoológica procura reflectir o modo como as sociedades ocidentais percebem o denominado “reino animal”. Com efeito, nada tem a ver com as classificações taxonómicas, baseadas em pressupostos filogenéticos. Segundo o autor (op. cit.), o Ocidente divide as espécies animais em dois grupos distintos: 1. “bons” animais, 2. “maus” animais. O primeiro desses grupos inclui – de um modo geral – todas as espécies animais que são controladas pelo animal humano. Na sua esmagadora maioria, os “bons” animais são os animais de companhia, os animais de laboratório e os animais “da quinta”. Estes são totalmente controlados por nós. Aparentemente gostam do seu estatuto e, os que não gostam, não podem fazer nada para o alterar. Os “maus” animais são os que não controlamos. Todas as formas de vida que sejam consideradas perigosas (ex: cobras, tubarões, aranhas, etc.) ou que não respeitem limites, ameaçando a ordem social, estão incluídas neste grupo. Os vermes também são percebidos como “maus” animais, dado não respeitarem as fronteiras do organismo humano. São agentes poluidores e transmissores de doenças (op. cit.). Os humanos, por não reconhecerem que pertencem ao mesmo continuum biológico das restantes espécies animais (Casanova, 2006), encontram-se fora da escala.

Portanto, com vista a testar a aplicabilidade dos objectivos descritos, foram estipuladas três perguntas de partida:

1. Será que a maior proximidade física entre humanos e não-humanos é inversamente proporcional ao nível das atitudes especíssistas? Alguns autores (Franklin, 1999) acreditam que, um menor contacto com a Natureza, nos torna mais cegos em relação à nossa animalidade. Adicionalmente, o facto de não nos apercebermos de tal realidade, torna-nos tendencialmente mais capazes de comportamentos e de atitudes especíssistas.



2. Será que o especissismo é um mal exclusivo das vivências do Ocidente? A verificar-se que a distância física de outras formas de vida é uma condicionante para o surgimento do especissismo, o mesmo não se observará em sociedades com menor nível de urbanismo. Por esta ordem de ideias, não é de esperar encontrar esta forma de preconceito em território guineense.

3. Que variáveis podem fazer variar a intensidade deste preconceito? A religião parece ter algo a dizer sobre o modo como as sociedades se comportam de modo mais ou menos antropocêntrico (Costa, 2004). Por outro lado, consideramos que outras variáveis, tais como as habilitações literárias, o género e a idade também poderão ter influência. O especissismo, queremos crer, trata-se de um fenómeno multi-causal (Bryman e Cramer, 2003).

3 - Metodologia

Esta apresentação terá por base dados de Portugal (N=120) e da Guiné-Bissau (N=257). Os dados foram recolhidos através da aplicação de inquéritos de opinião, com base em amostras por quotas de sexo e idade. O trabalho de campo decorreu em dois momentos distintos:

1. Entre Maio e Junho de 2004, na cidade de Almada.

2. Entre Fevereiro e Março de 2007, na região de Tombali (Guiné-Bissau), num contexto marcadamente rural e isolado e no âmbito do projecto POCTI/ANT/57434/2004.

Em ambas as amostras foi apresentado um conjunto de espécies de animais não-humanos, com os quais os indivíduos se encontravam familiarizados. Nas duas ocasiões foi pedido aos respondentes que indicassem um determinado número de espécies da sua preferência e espécies pelas quais não sentissem qualquer afinidade. Os dados foram, posteriormente, analisados recorrendo ao SPSS (versão 14.0).

4 - Resultados

4.1 - Escala sociozoológica de Almada (Portugal)

De um modo geral, no que toca aos animais considerados “bons” (Imagem 2), a amostra da cidade de Almada denota uma grande preferência pelos tradicionais animais de companhia. Os cães foram escolhidos por 108 (90%)¹ inquiridos para figurar na lista dos melhores. Seguem-se os golfinhos, com 75,8% (n=91), logo seguidos pelos humanos, que estiveram presentes em 60,8% de listas (n=73). Os chimpanzés, apesar da sua proximidade genética com a espécie humana, recolheram apenas 32 votos (26,6%) favoráveis. Na generalidade, verifica-se uma larga inclinação para escolher as espécies que controlamos ou que, de uma ou de outra maneira, detêm características antropomórficas.

De entre todas as espécies que figuravam na nossa lista, as serpentes (n=80) e as aranhas (n=82) são as que parecem suscitar maior antipatia (Imagem 3). Com efeito, estas duas espécies estiveram presentes em 66,6% e 68,3% das listas. De uma maneira geral, os animais escolhidos para figurarem no grupo dos “maus” animais são espécies que podem constituir perigo ou que mantêm hábitos estranhos de vida. Tal parece ser o caso do abutre (n=56) e do morcego (n=69), que conseguiram 46,6% e 57,5% de presenças, respectivamente. Esmagadoramente, foram escolhidos não-humanos que se encontram fora da classe dos mamíferos, com excepção dos ratos (55,8%) e – mais uma vez – dos morcegos.

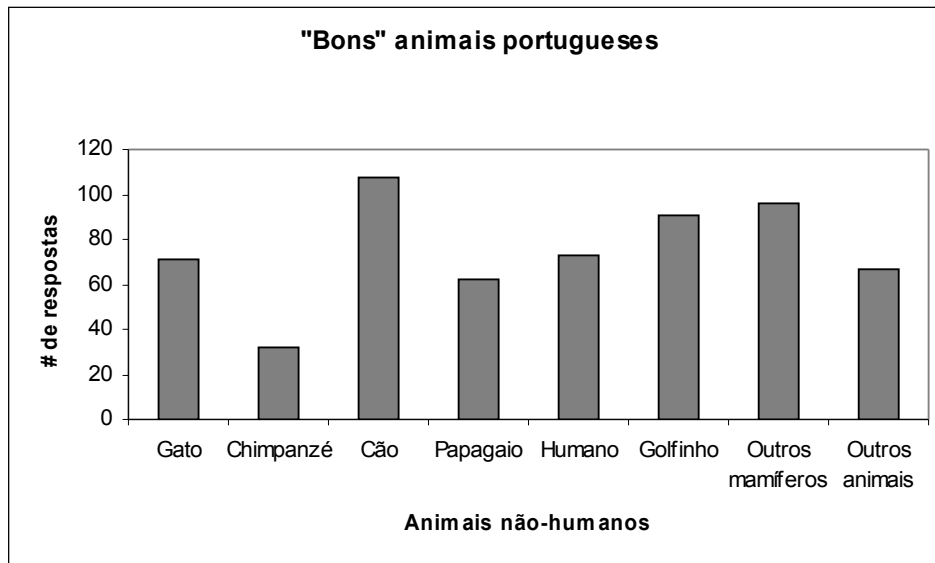


Imagem 2. Espécies preferidas da amostra de Almada (Portugal)

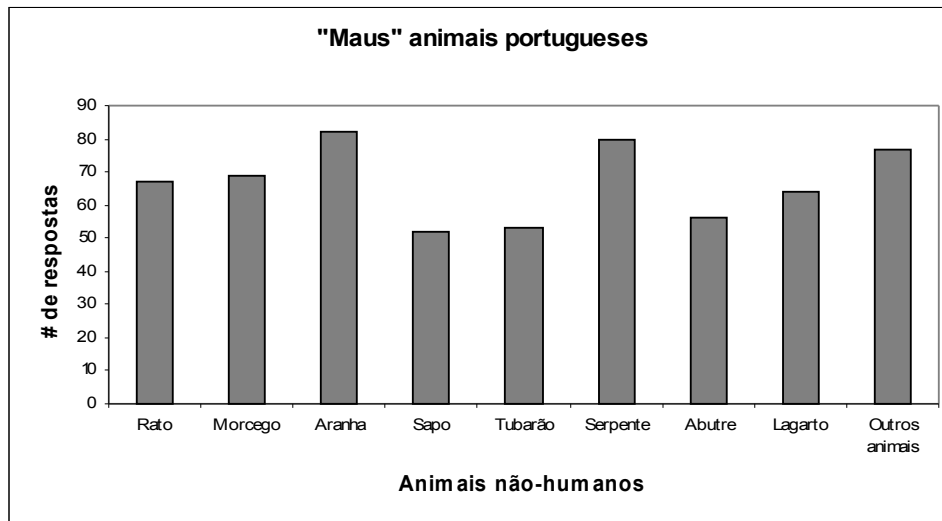


Imagem 3. Espécies menos preferidas da amostra de Almada (Portugal)

A menor assiduidade na escolha do “chimpanzé” e do “humano” para o ranking dos “bons” animais, levou-nos a considerar ser importante perceber se os inquiridos tinham consciência do modo como evoluímos até tomarmos a forma que temos nos dias de hoje (Imagem 4). Esmagadoramente, os sujeitos da amostra consideram que a espécie humana partilhou o mesmo ancestral com os grandes primatas (gorilas, chimpanzés, orangotangos e bonobos). Porém, uma percentagem considerável de pessoas – 31,7% (n=38) – afirmou ter sido Deus a criar o homem. Será talvez importante, caracterizar estes indivíduos, procurando variáveis que possam estar na origem destas escolhas. Após análise estatística feita às dependências entre as variáveis independentes que estipulámos previamente, ficámos em condições de afirmar que – para esta amostra – ser-se mulher, ou ser-se menos instruído e ou Católico são características que podem influenciar as escolhas no sentido do Criacionismo. Com efeito, o género ($\chi^2=11,2$ S; $p\leq 0,05$), as habilitações literárias ($\chi^2=20,8$ S; $p\leq 0,05$) e a orientação religiosa ($\chi^2 = 13,0$ S; $p\leq 0,05$), revelaram-se dependentes da variável “origem do homem actual”. A idade dos respondentes não mostrou ter uma relação de dependência com o modo como percebem a questão da origem da nossa espécie. Contudo, os resultados do τ de Kendall sugerem haver uma correlação entre as duas variáveis em análise ($\tau = .25$, $p < .01$).

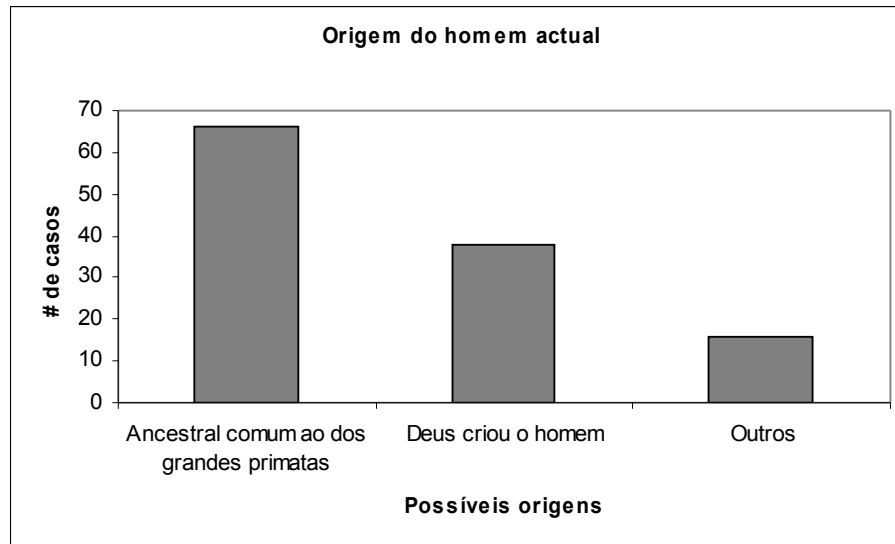


Imagem 4. Percepções sociais sobre a origem do homem (Almada, Portugal)

4.2 - Escala sociozoológica de Tombali (Guiné-Bissau)

A divisão entre “bons” e “maus” animais na Guiné-Bissau mostrou-se – na generalidade – muito semelhante à verificada em Portugal. Esmagadoramente, os inquiridos mostraram grande propensão para escolherem animais tidos como inofensivos e/ou animais domésticos (Imagem 5). A vaca esteve presente em 57,5% (n=140) dos rankings, sendo imediatamente seguida pela galinha (48,6%). A gazela – espécie muito apreciada pela sua beleza e pela carne – foi escolhida para figurar em 104 das 257 listas produzidas (40,5%). O chimpanzé esteve presente em apenas 27,2% das escalas (percentagem muito semelhante à que verificámos em Portugal). Não estamos na presença de tendências muito bem definidas, tal como verificamos no ranking português, mas existe na mesma uma tendência sobre a qual falaremos em detalhe mais adiante.

As escolhas que recaíram sobre as espécies consideradas “más” (Imagem 6) sugerem – tal como verificado anteriormente no contexto almadense – inclinação para seleccionar não-humanos potencialmente perigosos. As hienas foram escolhidas para 52,5% (n=135) das escalas. Por sua vez, as cobras figuraram em 53,3% (n=137) dos rankings. Os chimpanzés tornam a marcar presença (30,7%), pelo que podemos depreender que existe um certo antagonismo no modo como são percebidos pela amostra guineense.

Após a organização das espécies em rankings, quisemos aprofundar mais esta questão das percepções sociozoológicas. Assim, perguntámos aos inquiridos que animal escolheriam ser, caso lhes fosse vedada a possibilidade de continuarem a ser humanos (Imagem 7). À primeira vista, o chimpanzé parece reunir algum consenso em seu torno. Na totalidade, 29,6% (n=76) dos inquiridos escolheriam ser um chimpanzé. Com efeito, na generalidade, os primatas parecem gozar de um estatuto bastante positivo. Uma larga fatia das respostas (45,9%) recaíram sobre as diferentes espécies de primatas existentes em território guineense. As gazelas também têm um número razoável de adeptos, recolhendo 22,9% das escolhas (n=59).

Após análise mais aprofundada das potenciais dependências entre variáveis, os dados sugerem que existe uma relação entre a orientação religiosa e as espécies que os sujeitos escolheriam na impossibilidade de continuarem a ser humanos ($\chi^2 = 10,8$ S; $p \leq 0,05$). De facto, existe uma certa discrepância nas escolhas de muçulmanos e de outras religiões. No que toca às escolhas que recaíram sobre os chimpanzés, por exemplo, vemos que os respondentes que professam a fé islâmica denotam uma maior preferência por esta espécie. Do total de respostas que apontavam o chimpanzé como uma possibilidade, 71,1% (n=54) correspondem a escolhas feitas por muçulmanos. Tal não seria de esperar, dado que o Corão (1993) considera os primatas animais “desprezíveis”. Porém, não podendo ser uma pessoa, é possível que os



inquiridos mostrem tendência para querer ser algo que se assemelhe o mais possível com um humano. Trata-se apenas de uma outra forma de antropocentrismo.

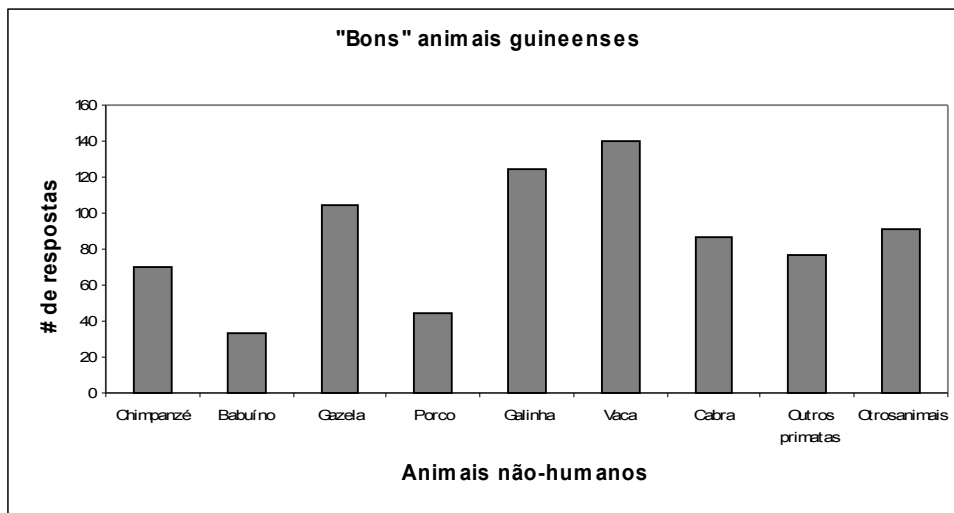


Imagem 5. Espécies preferidas da amostra de Tombali (Guiné-Bissau)

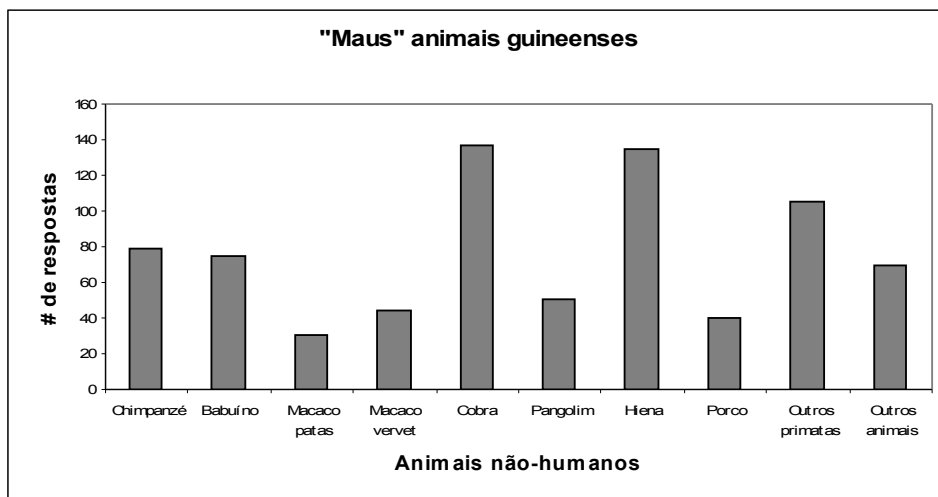


Imagem 6. Espécies menos preferidas da amostra de Tombali (Guiné-Bissau)

A imagem 8 mostra-nos o conjunto de animais que os inquiridos rejeitariam ser caso não pudessem continuar a ser humanos. Surpreendentemente, os chimpanzés também estão presentes neste ranking, representando 27,2% (n=70) das respostas. Portanto, o estatuto desta espécie – que anteriormente poderia ser interpretado como sendo positivo – reveste-se, afinal, de um elevado nível de dubiedade. De facto, apesar do que foi apontado anteriormente, os primatas não gozam de uma posição tão privilegiada como seria de esperar. As espécies de primatas foram apontadas por 56,4%% (n=145) dos indivíduos. Este valor é muito mais elevado do que o apontado previamente em relação às espécies seleccionadas na qualidade de animais que os respondentes não se importariam de ser. Adicionalmente, as cobras (14,4%) e as hienas (13,2%) também parecem não suscitar grande simpatia entre os sujeitos.

Mais uma vez, foram analisadas prováveis relações de dependência entre as variáveis. Inicialmente, imaginava-se que a orientação religiosa tornasse a mostrar-se esclarecedora. Todavia, foi o género dos respondentes que revelou mais informação ($\chi^2 = 18,1$ S; $p \leq 0,05$). As mulheres incluídas na nossa amostra mostram menor empatia pelos chimpanzés do que os homens. Da totalidade de inquiridos que afirmaram que nunca escolheriam ser um chimpanzé (n=70), 60% eram mulheres (n=42).

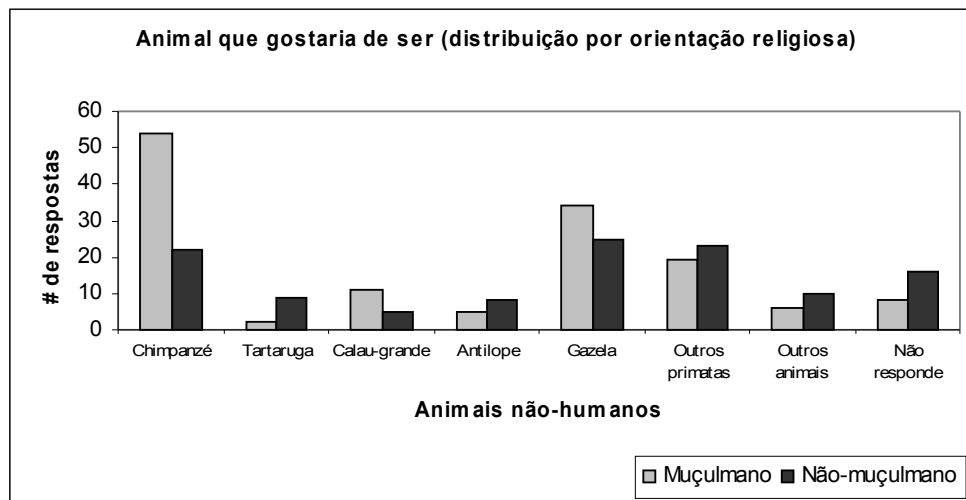


Imagem 7. Espécies seleccionadas caso não fossem humanos (Tombali, Guiné-Bissau)

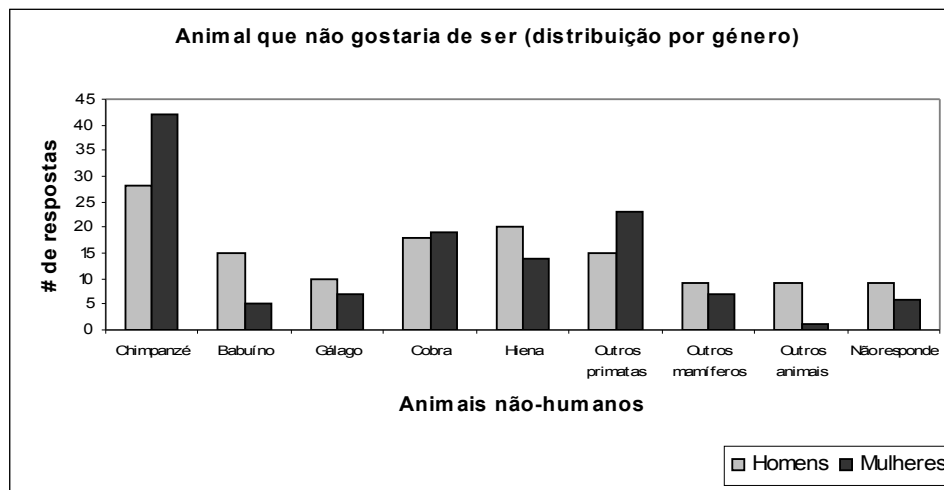


Imagem 8. Espécies rejeitadas caso não fossem humanos (Tombali, Guiné-Bissau)

5 - Discussão

5.1 - Especiessismo ou especieismos?

De um modo geral, podemos afirmar que os dados apontam para a existência de percepções especieístas em ambas as amostras. Se por um lado a amostra de Almada (Portugal) mostra uma grande preferência pelos animais de companhia, em detrimento de animais – como as cobras e as aranhas – que os indivíduos não podem controlar. Por outro lado, os dados de Tombali (Guiné-Bissau) também sugerem maior preferência por animais domésticos em prejuízo dos que são considerados potencialmente perigosos. As cobras, também marcam lugar nesta escala sociozoológica. Na generalidade, os resultados transparecem um nível considerável de consonância entre os dois contextos sociais. Tanto em Almada como em Tombali, no que toca à fauna selvagem, verificaram-se duas grandes excepções: a presença do golfinho no grupo dos “bons” animais (Almada) e a presença das gazelas (Tombali). À partida, pelo menos no que toca à primeira amostra, não seria de se esperar a presença de um animal que nos está distante – pelo menos, do ponto de vista físico (Arluke, 1996). Porém, a enormidade de histórias de golfinhos altruístas que salvaram a vida de humanos (Wilson, 1975), a par do aspecto físico que nos dá a sensação de estarem sempre “a



sorrir”, faz com que sejam tidos como não-humanos afáveis e inofensivos. As gazelas, no caso guineense, também são alvo das preferências humanas devido ao seu aspecto físico (as pessoas consideram-na um animal bonito), são pacíficas e comestíveis. Assim, se excluirmos apenas o facto de terem uma carne muito apreciada pelos respondentes de Tombali, podemos acreditar que tanto os golfinhos como as gazelas, têm estatutos semelhantes.

A situação mais dúbia relaciona-se com a posição ocupada pelo chimpanzé. O facto de ser grandemente semelhante a nós, não parece constituir uma vantagem muito evidente. No caso da amostra almadense, os motivos que levam a incluir a espécie no ranking dos “bons” animais – porém sem uma posição de destaque – são fáceis de discernir. Os chimpanzés têm características antropomórficas que nos podem agradar, mas são em simultâneo vergonhosamente semelhantes a nós. Por outro lado, são inofensivos e distantes, quer estejam num zoo ou em habitat natural. Esta percepção menos má do chimpanzé pelos indivíduos de Almada, não é totalmente verdadeira no contexto guineense. É verdade que o chimpanzé – por ser muito parecido connosco – é visto como um (quase) semelhante. Porém, é também um animal que compete connosco por território e recursos. De referir que não foram raras as queixas dos respondentes, que afirmaram serem lesados frequentemente pelos chimpanzés. Segundo parece, estes primatas “saqueiam” com regularidade as hortas das populações humanas que vivem no interior do parque de Cantanhez (Tombali, Guiné-Bissau). O mesmo acontecendo com os babuínos e com os macacos vervet.

Por isso, podemos considerar que o especieísmo está presente em ambas as amostras, porém as causas e os efeitos que adjectivam o preconceito em cada um dos contextos são diferentes. No caso de Almada, o factor da distância de determinadas espécies podem levar-nos a crer que o antropocentrismo advém de um urbanismo crescente. Para além disso, algumas ideias ainda muito enraizadas nalguns nichos da população – nomeadamente as que se relacionam com a origem do homem – poderão ajudar a empolar concepções preconceituosas. Por outro lado, a proximidade física no contexto rural guineense, também parece estar na origem de ideias antropocêntricas, porém enraizadas em questões de carácter mais prático. Neste caso, o conflito por território e por recursos entre a espécie humana e as restantes espécies que com ela convivem, parecem estar na raiz do problema. Trata-se de especieísmo – acreditamos haver muito pouca margem para dúvidas – mas com contornos diferentes daqueles observados nas sociedades ocidentais.

5.2 - Variações na intensidade das percepções especieístas

Género e religião são variáveis que parecem contribuir para uma maior ou menor ligação aos dogmas especieístas.

Tanto para a realidade portuguesa como para a realidade guineense, ser-se mulher pode significar maior grau de antropocentrismo. Porém, é necessário revestirmo-nos de especial cautela antes de assumirmos que, de facto, esta característica é responsável pela cristalização do preconceito. Na realidade, ser-se mulher na sociedade portuguesa e na sociedade guineense, pressupõe outras variáveis que merecem ser tidas em consideração.

Começamos pela amostra almadense. As mulheres que mostraram maior nível de ligação às ideias Criacionistas eram, simultaneamente, mais velhas, menos instruídas e esmagadoramente Católicas. Também foi dito que, estas quatro variáveis independentes se encontram associadas entre si (pelo menos para esta amostra). Se pensarmos no Portugal do início do Séc. XX e no Estado Novo, perceberemos facilmente este quadro (Lages, 2000). As mulheres dessa época – e portanto, as mais velhas à data da nossa recolha de dados – não eram incentivadas a permanecer na escola. O protótipo da mulher ideal era aquela que casava, tinha filhos e obedecia ao marido. Não era, por isso, esperado que estudasse mais do que o necessário. Considerando que pouco ou nada tinham a dizer sobre o seu próprio destino, tornam-se mais ligadas à Igreja. Trata-se de um facto inquestionável. Sabe-se que quanto mais os indivíduos sentem que têm controle sobre as suas vidas, menos sentem a necessidade de confiar nos desígnios do divino (Lages, 2000, Bruce, 2002). Não é por acaso que os mais jovens – pelo menos nas sociedades ocidentais – tendem a divorciarem-se da religião. A verdade é que têm melhores condições de vida, estudaram mais e



são tecnologicamente mais apetrechados (Bruce, 2002). Em suma, sentem que controlam as suas vidas (op. cit.). Portanto, no que toca ao especieísmo, podemos afirmar que o género é apenas uma variável espúria (Bryman e Cramer, 2003). Será na idade, nas habilitações literárias e na orientação religiosa – e neste último caso, no grau de ligação à Igreja – que reside a verdadeira explicação para os resultados obtidos em Almada.

Podemos, igualmente, assumir que as percepções das mulheres guineenses sofrem do mesmo infortúnio. Trata-se de uma sociedade islamizada e profundamente conservadora no que toca ao papel da mulher no seu seio. Assim, a mulher – tal como no passado recente da sociedade portuguesa – não é incentivada a formar as suas opiniões nem a tomar decisões sobre a sua vida. Trata-se de uma cultura de cariz muito patriarcal, em que rigorosamente tudo gira em torno do homem. Se pensarmos no modo como, tanto a Bíblia (1988) como o Corão (1993) foram concebidos, facilmente se percebe o porquê da existência da figura do homem enquanto ser que domina a mulher. Infelizmente, ainda não temos análise de dados suficiente em relação às habilitações literárias e à idade, pelo que não nos é possível garantir que estas variáveis poderão ter uma palavra a dizer no contexto da Guiné-Bissau. Porém, a falta de poder de decisão, tem certamente uma relação com os resultados obtidos. O que podemos afirmar é que as mulheres mostraram menor empatia com os chimpanzés porque – sabendo que os investigadores trabalham para um futuro programa de conservação da espécie – acreditam que a reserva natural não é um assunto seu. Por experiência própria, sabem que os trabalhos de projectos como este se preocupam apenas com as opiniões, os desejos e a colaboração os homens. As mulheres estão quase sempre de fora, ficando os homens com todos os benefícios só para si (Lee e Woodman, 2004, Chambers, 2007).

6 - Considerações finais

Podemos considerar que os resultados obtidos, em ambas as amostras, sugerem que o especieísmo não é uma característica exclusivamente ocidental. Tanto a proximidade como a distância física podem estar na origem do preconceito, embora tendo causas e produzindo efeitos diferentes. No caso da Guiné-Bissau, muito do antropocentrismo observado poderá dever-se ao conflito interespecífico verificado entre humanos e outros animais por mais território e recursos.

Por outro lado, ambas as amostras “construíram” escalas sociozoológicas semelhantes. A dualidade entre os animais “controláveis” e os “incontroláveis” encontra-se vigente nos rankings portugueses e guineenses.

O género e a orientação religiosa foram as variáveis com maior expressividade. Porém, a primeira deverá ser cuidadosamente tratada, dado que é necessário maior aprofundamento desta matéria. É fulcral que se considere a possibilidade de se tratar apenas de uma variável espúria, tal como mencionado anteriormente. Consideramos igualmente necessária uma maior atenção às variáveis idade e habilitações literárias no contexto guineense. Sugerimos que, em futuras investigações, estas duas variáveis sejam analisadas de um modo mais intenso.

Finalmente, acreditamos que estudos como este são de grande importância para o estabelecimento de bons programas de conservação ambiental. Se entendermos o modo como as pessoas a quem estes programas se dirigem, estaremos mais apetrechados para elaborar projectos mais eficazes, de maneira a ajudar o público a envolver-se mais e a valorizar a natureza e a conservação da biodiversidade. Este facto é verdadeiro para cenários mais “selvagens”, mas também para contextos onde o urbanismo marca lugar. A conservação é um assunto de todos e todos devemos estar envolvidos.



Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a todos os que colaboraram na recolha dos dados: Alexandra Cardoso, Ana Costa, Rui Sá, Saidu Cumpón, Vasco Ventura, Marta Castanheira, Sara Sousa. O nosso agradecimento especial também a todos os que responderam às nossas perguntas.

Este trabalho contou com o financiamento da Lanidor e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (POCTI/ANT/57434/2004 e SFRH / BD / 30351 / 2006).

Bibliografia

- ALGER, Janet M. e Steven F. Alger (2002) *Cat Culture: The Social World of a Cat Shelter*, Filadelfia, Temple University Press.
- ALLPORT, Gordon W. (1979) *The Nature of Prejudice*, Massachusetts, Perseus Books.
- ARLUKE, Arnold (1996) "The Sociozoologic Scale" in Arnold Arluke e Clinton Sanders (1996) *Regarding Animals*, Filadelfia, Temple University Press.
- ARLUKE, Arnold e Clinton Sanders (1996) *Regarding Animals*, Filadelfia, Temple University Press.
- BRYMAN, Alan e Duncan Cramer (2003) *Análise de Dados em Ciências Sociais: Introdução às Técnicas Utilizando o SPSS para Windows*, Oeiras, Celta Editora.
- BRUCE, Steve (2002) *God is Dead- Secularization in the West*, Oxford, Blackwell Publishing.
- CASANOVA, Catarina (2006) *Introdução À Antropologia Biológica: Princípios Evolutivos, Genética e Primatologia*, Lisboa, ISCSP/FCT.
- CHAMBERS, Robert (2007). *From PRA to PLA and Pluralism: Practice and Theory*. (London: Institute of Development Studies.)
- COSTA, Susana Gonçalves (2004) *Sociologia do Relacionamento Humanos/Outros Animais: percepções sociais da superioridade humana (análise de uma amostra da freguesia de Almada) – Dissertação de Mestrado*, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- DAVIDOFF, Linda L. (1983) *Introdução à Psicologia*, São Paulo, McGraw-Hill.
- FRANKLIN, Adrian (1999), *Animals and Modern Cultures- A Sociology of Human-Animal Relations in Modernity*, Londres, Sage Publications.
- GIDDENS, Anthony (2000) *Sociology*, Cambridge, Policy Press.
- HERTZBERG, Arthur (1981), *Judaísmo*, Lisboa, Editorial Verbo.
- LAGES, Mário F. (2000) "A Religiosidade Popular na Segunda Metade do Século XX" in Manuel Braga da Cruz e Natália Correia Guedes (orgs.), *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*, Lisboa, Universidade Católica Editora.
- LAKATOS, Eva Maria e Marina de Andrade Marconi (1999) *Sociologia Geral*, São Paulo, Editora Atlas S.A.
- LEE, Phyllis & Jo Woodman (2004). *Are women excluded from ICDPs? Addressing women's development needs in partnership with conservation*, Cambridge, Cambridge University.
- McDAVID, John W. e Herbert Harari (1980) *Psicologia e Comportamento Social*, Rio de Janeiro, Editora Interciência.
- NIBERT, David (2002) *Animal Rights/Human Rights: Entanglements of Oppression and Liberation*, Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- SHEPARD, Paul (1997) *The Others: How Animals Made Us Human*, Washington, Island Press.



SHNEIDER, Lois (1970) *Sociological Approach to Religion*, New York, John Wiley and Sons, Inc.

WILSON, Edward O. (1975) *Sociobiology – The New Synthesis*, Cambridge, The Belknap Press of Harvard University Press.

(1993) *“Al-Qur’an” A contemporary translation*, Nova Jersey, Princeton University Press.

(1988) *The Holy Bible*, Lutterworth, The Gideons International.

¹ O cão foi escolhido para figurar em 90% das listas dos 120 inquiridos. No caso português, foi pedido aos sujeitos que escolhessem cinco espécies diferentes de animais pelos quais sentiam empatia. A mesma regra, para cálculo das percentagens, aplicar-se-á a todos os resultados dos rankings apresentados no presente texto.